

GES
PCP

G

a
TERRA

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMFONESES DO NORTE

N.º 9 — 2.ª SÉRIE

DEZEMBRO

DE 1964

PREÇO: \$50

NOVA CONFERÊNCIA DA FPLN

No mês de Outubro efectuou-se uma nova Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, a III, na qual participaram a quase totalidade dos membros permanentes da Conferência, representantes de vários partidos políticos e correntes de opinião pública e ainda outros destacados militantes anti-fascistas, tanto do interior como do exterior.

Esta Conferência revestiu-se dum carácter essencialmente prático e tomou importantes decisões que visam fundamentalmente fortalecer a estrutura orgânica da FPLN e a incrementar o processo revolucionário democrático e nacional que derrubará o fascismo e instaurará a democracia em Portugal.

A Conferência caracterizou os objectivos políticos da FPLN, dentre os quais destacamos: «... destruir a máquina do Estado fascista, assegurar as liberdades fundamentais dos cidadãos e construir um Estado

democrático que transforme Portugal num país de indústria avançada e nacional; reforme a estrutura agrícola; promova o aproveitamento das riquezas nacionais em benefício das mais vastas camadas da população; proteja os interesses económicos e sociais das classes trabalhadoras e das classes médias; realize uma ampla política democrática de assistência médica e de seguros sociais...»

A Conferência reafirmou «que os empréstimos externos contraídos pelo governo fascista para conduzir a guerra colonial não obrigam o povo português ao seu futuro pagamento», e considerou que propondo-se a FPLN reconquistar o exercício da soberania popular, ela «Após ter varrido o poder fascista da terra portuguesa, promoverá a formação de um Governo Democrático Provisório, representativo das forças anti-fascistas portuguesas, o qual dará imediata execução aos objectivos políticos

da FPLN e organizará a curto prazo eleições livres, por sufrágio universal, igual, directo e secreto para uma Assembleia Constituinte.»

A Conferência reconheceu «o direito dos povos das colónias portuguesas à auto-determinação e à independência», e afirmou «que o povo português e os povos das colónias portuguesas são solidários e aliados na luta contra o fascismo e o colonialismo.»

(continua na 4.ª pag.)

O GRAVE PROBLEMA DA BATATA

Continua, por preços baixíssimos a venda da batata. A produção nem em todas as partes foi boa, em certos lugares apareceu muita podre ao arfrique. Ora um acontecimento destes, aliado aos preços baixíssimos, faz com que o camponês continue a agravar a sua situação, já de si tão precária. Por último, a Junta Nacional das Frutas, órgão parasitário, mas regulador do comércio da batata, por sua vez nada fez para resolver essa grave situação do camponês, pelo contrário, essa Junta teve o arrojo de lançar um preço vergonhoso de \$80 e \$90 por Kilo, para assegurar a venda ao camponês. Ora a dita Junta devia saber que esses preços não chegam para pagar os gastos da produção, ou quando muito são bem precisos para isso. Sendo assim, como se pode aceitar um tal critério? Se esse preço pelo qual ela paga é bem necessário para cobrir as despesas da produção, e isto namelhor das hipóteses, que

(continua na 2.ª pag.)

AS ADEGAS COOPERATIVAS

As poucas adegas cooperativas existentes, e com algumas excepções, foram logo construídas acanhadas, isto é, com pouca capacidade para armazenar os vinhos das produções prováveis da região, e noutras ainda estão por fazer.

Foi prometido pelas estâncias oficiais que, logo que se verificasse a necessidade de maior capacidade para a armazenagem dos vinhos, seriam logo feitas obras de aumento para satisfazerem as necessidades. Acontece que em certas regiões isso foi já verificado e pedido há cerca de três anos, mas chegou-se à colheita de 1964 e tudo continuou por fazer. Os camponeses querem entrar para as cooperativas e é-lhes

recusada a admissão, por não haver capacidade para armazenamento dos vinhos.

Camponês viticultor, aqui está outra prova do desprezo que o governo tem por ti. Tu trabalhas todo o ano e como ser vivente tens necessidades, por isso, tens todo o direito de procurares obter o melhor rendimento para os teus produtos agrícolas, para satisfazeres essas necessidades, ora, nas adegas cooperativas tens melhor possibilidade de te defenderes, tens melhor possibilidade de aliviáres um pouco a tua pesada cruz de sofrimento; mas que te acontece? A admissão às adegas está vedada e está vedada porque

(continua na 3.ª pag.)

A BATATA

(continuação da 1ª pág.)
dinheiro fica ao produtor para resolver as suas necessidades principais, para pagar tantas décimas, licenças, etc., etc? Que critério é esse? Que critério é esse, repito, saído de um departamento governamental? Isto brada aos céus!!!

Camponês e sacrificado colega, o que se está a passar com a atitude tomada por esses cavalheiros a respeito dos preços da batata afronta para nós, é prova clarividente do desprezo a que nos votaram, é fazer pouco de uma classe laboriosa, é considerar-nos uns verdadeiros carneiros. Não podemos tolerar que brinquem assim connosco. Basta, basta de fazer pouco...

Camponês, precisamos de nos unir e correr com um governo que forja e permite afrontas desta natureza...

Camponês, precisamos de um governo que seja amigo do camponês, só esse é que poderá tomar providências de uma melhoria na nossa situação. Um governo que faça com que os artigos que compramos sejam mais baratos, que as décimas e licenças que pagamos sejam reduzidas, etc. Mas nós, deste governo, já não podemos esperar nada de bom, por isso, temos de correr com ele, só assim é que nos salvaremos, só assim é que deixaremos de contrair mais dívidas e de caminhar para a miséria.

Camponês, sabias que por cada Kilo de batata que entra na cidade do Porto ou em Lisboa a Junta cobra \$30 por Kilo?

Camponês, sabias que na respectiva Junta há funcionários que ganham oito contos por mês, além do que ganham secretamente, isto é, daquilo que lhes é dado pelos grandes comerciantes da batata, porque estes obtêm grandes jeitos de certos mandões da Junta, enquanto tu estás cheio de dívidas porque nem para comer ganhas?

Camponês, sabias que só uns certos comerciantes é que podem negociar as batatas que entram nas cidades do Porto e Lisboa? E que estes comerciantes, ao negociarem a tua batata, que vendeste barata, vão enriquecendo enquanto tu estás cada vez mais pobre?

A FNPT ROUBA OS PEQUENOS PRODUTORES

A Federação Nacional dos Produtores de Trigo informou os grêmios que compra a Lavoura todo o milho da sua produção, bastando para isso que ele se apresente «bem seco e isento de impurezas.» Mas o preço por que paga o cereal não é o mesmo. Assim, nos meses de Setembro, Outubro e Novembro paga a \$210 cada quilo; em Dezembro, Janeiro e Fevereiro paga a \$250, e nos meses de Março, Abril e Maio a \$250.

Estas diferenças de preço mostram bem como é a política salazarista de «auxílio à Lavoura.» Aos pequenos produtores, que têm de vender o milho após a sua colheita, não só porque precisam do dinheiro para pagarem as contribuições e para começarem as novas sementeiras, mas também porque não têm onde armazená-lo, pagam-se-lhes os preços mais baixos.

Aos grandes produtores, que não precisam de vender o milho logo após a colheita, pois têm facilidade

des de crédito que lhes permite esperar a melhor altura de venda, e ainda também porque têm onde armazená-lo, já se pagam preços mais elevados. E, para completar o quadro, são os grêmios da Lavoura que tratam das inscrições e da compra do milho ao produtor. Quer dizer, são ainda os grandes que dominam as direcções dos grêmios, quem dirige o negócio.

Tudo isto revela que os camponeses nada podem esperar do governo de Salazar e dos seus agentes no campo: os grêmios, as juntas, as federações, etc., e que só unindo-se e organizando-se em associações e organismos criados e dirigidos por si próprios, podem defender-se da rapina de que são alvos.

Mas, só derrubando o regime dos latifundiários e dos monopolistas, o regime fascista salazarista, poderão os camponeses libertar-se da miséria e da exploração de que são vítimas.

- A Terra - precisa da tua ajuda

Amigo camponês: «A Terra» é o teu órgão de união, onde o lápis azul da censura fascista não entra. Por intermédio dele, o povo português e estrangeiro conhece como nunca conheceu a incrível exploração e opressão de que és vítima. «A Terra», o teu jornal, reclama a tua ajuda financeira para poder prosseguir com regularidade o seu nobre papel de informador dos problemas que te afligem e de orientador da tua luta. Cada exemplar representa muitos riscos, esforços e sacrifícios até chegar às tuas mãos. Fã-lo chegar da forma mais justa que entendas aos colegas que conheces. Que nenhum exemplar dos que recebes fique por pagar e, sempre que possível, paga-os adiantados. Constitui grupos de leitores regulares que contribuam regularmente para «A Terra». Utiliza a nos pedidos de dinheiro que fazas para a ajuda da publicação e melhoramento do teu jornal.

Promove rifas, bailes, ou outras iniciativas de malícia para publicar nele uma ou mais rubricas com o dinheiro que consigas arranjar nessas iniciativas. Para além disso, inscreve-te com uma rubrica para o jornal e convence os teus amigos a fazerem o mesmo. Estamos certos que todos os leitores de «A Terra» terão uma compreensão justa deste problema.

Em frente, amigos camponeses por uma larga recolha de dinheiro para o melhoramento do nosso jornal.

RÁDIO VOZ DA LIBERDADE

Todas as 4ª feiras e sábados às 23,15 horas em 220 e 320 metros, onda média, e em 25, 31 e 49 metros, onda curta.

Cresce o Movimento COOPERATIVISTA!

Depois da reorganização da Cooperativa Agrícola de Oliveira de Azemeis (Lactecínios) — que agrupa já hoje cerca de 1.700 produtores de leite a que corresponde um efectivo bovino de mais de 5.000 cabeças; depois da fundação da Cooperativa Agrícola do Caima, que estende a sua acção aos concelhos de Arouca, Oliveira de Azemeis, Sever do Vouga e Vale de Cambra, e que, entre outras actividades, abranja a avicultura, contando com 50.000 galinhas e uma produção semanal de 2.000 frangos, uma nova cooperativa acaba de constituir-se: a Cooperativa de Estabulação Livre de Vacas Leiteiras com cerca de 100 sócios e com núcleos em Sever do Vouga, Talhadas e Carracedo e ainda um núcleo de recria em Romenzal.

(continua na 3ª pág.)

FUNDO DE COMPENSAÇÃO

Camponês: nós somos enganados pelo nosso Governo de diversas maneiras, e uma das muitas diz respeito ao «Fundo de Compensação». Este fundo baseia-se no seguinte: quando o governo compra no estrangeiro produtos agrícolas, para que os produtos nacionais não subam de preço, quase sempre os vai pagar muito mais caros que os nossos. Então, para os vender aos preços correntes do nosso mercado, teria que vendê-los mais baratos do preço que os comprou. Ora, essa diferença, por vezes bastante grande, é coberta pelo tal «Fundo de Compensação», isto é, pelos próprios dinheiros que ele tirou aos camponeses através das décimas, licenças, multas, impostos sobre os próprios produtos que o camponês vende, etc., e cujos produtos vão fazer, por sua vez, mal ao próprio camponês, porque os produtos agrícolas que vieram do estrangeiro fazem com que os seus não deem mais dinheiro e até em alguns casos baixem de preço. Como exemplo, temos o caso da importação da batata de há dois anos. Nessa altura, a batata estava a dar mais algum dinheiro que o costume. A tabela de 1980 no retalho estava a ser ultrapassada e o governo não deixava vender por mais. Para conseguir os seus fins, vai comprar a batata ao estrangeiro muito mais cara do que se vendia aqui a nossa, para a vender aqui no mercado muito mais barata. Essa diferença de preço, que representa um prejuízo de cerca 1500 em quilo, foi coberta pelo tal «Fundo». É que estas compras no estrangeiro trazem bons lucros a certos governantes.

Face a isto, o que é que se deduz da política do governo? Deduz-se que preferiu comprar batata no estrangeiro mais cara, para que a batata nacional não subisse de preço. Preferiu que o nosso dinheiro saísse da Nação para o estrangeiro, do que o camponês viesse a ficar com ele ao vender a batata por mais qualquer coisa que o costume. Aqui está uma prova real do desinteresse que os governantes têm pelo camponês. Pois era sabido por toda a gente que a subida da batata naquele ano foi devido à pouca produção que houve e, por sua vez, esta pouca produção foi devida também aos males que nesse ano atacaram os batatais. Quer dizer: o camponês tinha semeado, como de costume, as mesmas quantidades de batata. Tinha, por consequência, feito

as mesmas despesas para a cultura deste produto, e que são tão grandes. Ora, era justo que vendesse o seu fruto melhor qualquer coisa. Até porque o camponês arrasta atrás de si dívidas de anos seguidos, porque os prejuízos na exploração agrícola, principalmente na batata, a isso o tem obrigado. Por tudo isso, era bem merecedor de ter um ano que melhorasse a sua situação, tão precária ela é, ao vender qualquer coisa melhor os seus produtos. Mas o governo não entende assim, porque este governo que nos governa pela força considera os camponeses como filhos bastardos. Vejamos o que dizem os próprios jornais: «Contrariamente, a lavoura ou foi abandonada ou está sujeita a tratamento obnócio... quer quando se lhe fixam preços ridículos e arruinantes, quer ainda quando invadem os mercados com produtos similares de proveniência estranha, cá vendidos mais baratos à custa do Fundo de Abastecimento ou do Fundo de Compensação, quer finalmente, quando é a própria força da ordem ou as diversas fiscalizações que procedem contra quem queira vender os seus cereais, batatas, carne, etc., etc., a preços superiores aos fixados em tabelas». E o artigo do jornal diz mais adiante: «Ora se em devido tempo se tivesse feito justiça à pobre agricultura e, em vez de abandonando, a mesma fosse amparada e ouvida nos seus legítimos anseios»...

Camponês, colega amigo, pelo país fora vão-se levantando vozes em tua defesa. É preciso que te levantes também e exijas a defesa dos teus direitos. Deves começar a luta por aí, exigindo preços compensadores para os teus produtos. Barateamento naquilo que compras, décimas mais baixas, etc., etc. Mas vai tendo em conta de que já há muito se tem feito ver ao governo da grave crise da

agricultura, da crítica situação do camponês e o governo tem feito ouvidos moucos. Um governo que assim procede já nada de bom se pode esperar dele. É escusado termos esperanças. Então o que há a fazer? É lutarmos para derrubarmos este governo e arranjarmos outro escolhido livremente por todo o povo. Felizmente que temos homens honestos e honrados em Portugal dispostos a encabeçarem esse governo e a defenderem os interesses do povo. O que é preciso é que todos nós lutemos para poder escolher esses homens. Todos unidos, vamos a isso camponeses!

AS ADEGAS
COOPERATIVAS

(continuação da 1ª pág.)

dizem não haver dinheiro para a construção de uma nova adega ou aumento da já existente para assim receberem os seus vinhos. Aqui está mais um exemplo da péssima administração dos dinheiros do Estado, ou melhor, dos dinheiros da Nação. Aqui está mais um exemplo, amigo e sacrificado camponês, do desprezo que o governo tem por nós, nós camponeses considerados como uma coisa qualquer, como se não valessemos nada e como se de nada precisássemos.

Camponês viticultor, aonde não houver adegas cooperativas, mas que já há tanto tempo foram pedidas por vós, continuai a exigir que as façam; e aonde forem pequenas as já feitas, exigi que as aumentem.

Camponês viticultor, sabias que com o dinheiro que se gasta só num dia com a guerra de Angola construíam-se cinco ou mais adegas? E sabias que cada litro de vinho entrado em Angola paga um escudo de direitos?

CRESCER O MOVIMENTO COOPERATIVISTA

(continuação da 2ª pág.)

Cada dia que passa os camponeses compreendem melhor que só associando-se em Cooperativas, dirigidas por si próprios, podem enfrentar a rapina dos organismos corporativos intermediários e dos elementos parasitários do campo.

Em frente camponeses para novas cooperativas!

RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Transmite diariamente das 7 às 7,30 em 50 metros; das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros; das 23,30 às 23,50 em 35, 40 e 43 metros. Emissão especial dedicada aos camponeses: aos domingos das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros, onda curta.

SÓ UM GOVERNO DEMOCRÁTICO NOS SALVARÁ DA RUÍNA

Já quanto tempo nós não ouvimos certos deputados na Chamada Assembleia Nacional dizer que a agricultura se encontra à beira da ruína, motivado pela actuação dos intermediários, dos baixos preços do mercado, da rotina na produção agrícola, da emigração dos camponeses, etc., etc.

Nós estamos de acordo que todas as pessoas, venham elas de onde vierem, denunciem a política salazarista e as suas consequências. Mas o que não podemos silenciar é o carácter inoperante dessas denúncias, quando apenas se resumem em palavras e se tentam iludir as causas essenciais da alarmante crise que atravessa a nossa agricultura. Não é com palavras que se evita a ruína de milhares de pequenos e médios camponeses, que se acaba com os intermediários, que os nossos produtos são melhor pagos, que a terra passará a dar mais um quilo de qualquer produto, ou que andem esparcidos por esse mundo com o pesado título de emigrantes.

Nenhum camponês que esteja no seu juízo perfeito pode acreditar que um governo como o Salazarista, que tudo sacrifica em benefício dos monopólios e dos latifundiários, seja capaz de resolver os problemas que tanto nos afligem.

Qual será, então, o governo que nós necessitamos para nos salvar da ruína e da expolição? Só um governo democrático e nacional, que exproprie as terras aos grandes agrários e a distribua pelos assalariados rurais e pela maioria esmagadora dos camponeses,

que a utilizarão da melhor maneira que entenderem; que nos permita organizar livremente para defendermos os nossos interesses e onde tenhamos voz e voto e uma participação efectiva na direcção do Estado. Não é o actual governo, nem aqueles que tentam iludir as causas essenciais dos graves problemas existentes no campo, que criarão condições de vida dignas e humanas a todos os que trabalham e cultivam a terra. O que eles poderão fazer em nosso benefício é o mesmo que nos vêm fazendo há 38 anos: esbulhar-nos, oprimir-nos e manter a nossa agricultura no estado em que se encontra, porque não conseguem pôr pior do que está.

Mas, colegas camponeses: temos que fazer mais do que temos feito para que esse governo democrático e nacional por que tanto ansiamos se transforme numa realidade. Esta tarefa é demasiado grande para que os nossos aliados, — a classe operária ou nós, a façamos sózinhos. Eles precisam de nós e nós precisamos deles. Até agora, a nossa resistência à política salazarista não tem adquirido o impulso que já devia ter adquirido, principalmente por falta de organização. Se é certo que nós, por sermos uma massa bastante dispersa não podemos fazer greves, como fazem os pescadores do Algarve, de Matosinhos, Ilhavo, Aveiro, mineiros de Aljustrel, têxteis de Mira, etc., etc., podemos no entanto, fazer manifestações e concentrações, reclamando junto das entidades locais e corporativas contra a ruína de que

somos vítimas, por empréstimos vantajosos, contra o aumento dos impostos e contribuições, pelo abastecimento de preço dos insecticidas e das alfaías agrícolas, por preços mais compensadores para os nossos produtos e seu total escoamento, etc. Alguns dos nossos colegas dirão que essas manifestações e concentrações em regime fascista são proibidas. Mas também o são as greves e os operários fazem-nas e fá-las-ão enquanto os seus exploradores e opressores existirem.

Nós, que somos uma numerosa massa trabalhadora, impiedosamente explorados e oprimidos, devemos escolher o caminho da luta para acabarmos com esta exploração e opressão. Ao nosso lado está a classe operária, que tão corajosa e valentemente se vem batendo pelo derrubamento do fascismo e pela instauração de um regime Democrático e Nacional.

Temos que nos unir e organizar para defendermos corajosamente as nossas reclamações. Formemos Comissões com colegas combativos que, apoiados por nós, estejam dispostos a apresentar as nossas reclamações e defender os nossos interesses junto das entidades locais ou dos organismos corporativos.

CONFERÊNCIA DA F.P.L.N.

(continuação da 1ª pag.)

Tratando da solução do problema político nacional, a Conferência considerou que «a insurreição popular armada é a perspectiva revolucionária que se coloca perante o povo português para se libertar da ditadura fascista», acrescentando entretanto que «a acção insurreccional será levada a cabo pelas forças anti-fascistas do interior do país, cabendo embora às forças do exterior contribuir e participar na preparação da luta».

«A Terra» salda a realização da III Conferência da FPLN e manifesta o seu apoio às resoluções aprovadas nela, pois está certa que elas, quando levadas à prática, apressarão o derrubamento do fascismo e a conquista da democracia, da liberdade e da paz.

«A Terra» chama os camponeses do Norte a lutarem por melhores preços para os produtos agrícolas e contra os intermediários, particularmente os organismos corporativos; a lutarem contra a falta de créditos baratos, a baixo juro e a longo prazo; a lutarem pelo barateamento dos adubos, insecticidas e sementes; a lutarem contra a exploração e a repres-

são nos campos, declarando que lutar pela saístação de todas estas reivindicações é lutar pela aplicação prática das resoluções da III Conferência.

«A Terra» incita-os a organizar Juntas de Acção Patriótica e a formar organismos de classe ou outros, isto é, a criar os órgãos que hão-de dirigir estas lutas.

VIVA A FPLN! VIVA A UNIDADE DAS FORÇAS DEMOCRÁTICAS E ANTI-FASCISTAS PORTUGUESAS!

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Abre a 2 de Janeiro e prolonga-se até 15 de Março, o período de recenseamento destinado à inscrição dos cidadãos eleitores nos cadernos eleitorais. O governo procura fazer passar despercebido este importante período, interessado como está em afastar o povo da luta política. Mas nós, camponeses, que somos uma das vítimas da sua política, cumpriremos o nosso dever cívico, indo todos às Juntas de Freguesia preencher os boletins de inscrição.